

As Tentações de Sto. Antônio, 2007

Fotografia 150 x 100 cm



Le Boeuf, L'Oeuf e Pont Neuf: Exiguidade e Plenitude na Natureza Morta Francesa, (fase I) 2007

Instalação com fotografia impressa em duratrans, placa de acrílico, serie de lâmpadas

150 x 100 cm



Pândega. Le Boeuf, L'Oeuf e Pont Neuf: Exiguidade e Plenitude na Natureza Morta Francesa, 2007

Instalação com fotografia impressa em duratrans, placas de acrílico, lâmpadas flourescentes e spray
150 x 100 cm



Um espaço circunscrito por três paredes e um grande vidro: uma montra, uma caixa de luz. E uma fotografia onde o individual e o universal se tocam. Um espaço dentro do espaço. Um tempo dentro do tempo. Uma representação do tempo? Um tempo fora do tempo. Esta fotografia representa a selecção de um instante como se fosse um sempre e anulando assim a temporalidade, transformando-a em zero. Interessa-me explorar essa capacidade de conectar tempos distantes com o presente, rompendo com uma representação linear do tempo. Evocar um universo clássico, mitológico ou épico no mesmo tempo do universo contemporâneo, tecnológico que me envolve.

Sentada em frente ao computador, depois de, pela primeira vez, ter tomado a decisão de começar a escrever um texto que apenas existe em formato digital, sem rascunhos prévios em sebatas ou cadernos de notas, preenchem-me sentimentos de excitação e culpa por ter adiado esta tarefa tanto tempo. Mas talvez apenas agora é que realmente faz sentido para mim escrever o que será o meu primeiro *statement*!

Be loose. Be happy. Be real. Alguns dos conselhos que retirei de um texto encontrado na net: *writing your artist's statement*. É estranho pensar em como na minha geração, a geração da televisão, da massificação dos computadores, da Internet se formam as opiniões e os conceitos, as ideais e os valores. Vivendo numa era em que os *opinion-makers* nos invadem por todos os lados, faz-me pensar que tudo o que acreditamos é resultado de uma mescla de opiniões formadas por outros, para nós, para mim.

Como é que isso se reflecte no processo artístico? E quais a vantagens e desvantagens dessa *assemblage*?

O meu processo artístico e criativo é claramente reflexo dessa *assemblage*, não sendo isso vantajoso ou desvantajoso, é apenas uma condição, um paradigma. Paradigma esse que reúno ou tento reunir no trabalho que produzo: a História de Arte, a minha formação Académica, os artistas que conheço, os trabalhos que admiro, as fotografias documentativas das performances da década de 70 que nunca poderei ver, os autores que li e leio... eu sou tudo isto e fui programada desta forma! (risos)

Mais do que em evolução ou progresso, acredito que o território artístico opera por aprofundamento e por radicalização, por deslocação, insistência ou disrupção das regras, conforme as circunstâncias criativas ou respectivos contextos.

Neste momento passam-me inúmeros pensamentos e memórias que vêm ao de cima, na cabeça. Reflecto sobre o texto, de uma maneira formal e percebo que está a tornar-se uma *assemblage*! É um processo de pensamento e acção que me é intrínseco e com certeza reflecte subtilmente a estrutura de escrita de pensadores estruturalistas como também de Peggy Phelan, que costuma falar, escrevendo, com ela própria de uma maneira tão deliciosamente informal.

REVOLUÇÃO pela REVELAÇÃO.

O que me atrai na fotografia e mesmo na performance é a possibilidade de seleccionar um instante como se fosse um sempre e anular assim a temporalidade, transformando-a em zero. Um tempo fora do tempo.

Interessa-me explorar essa capacidade de conectar tempos distantes com o presente, rompendo com uma representação linear do tempo. Evocar um universo clássico, mitológico ou épico no mesmo tempo do universo contemporâneo, tecnológico que me envolve.

Representar o tempo? A representação do tempo nalguns temas pictóricos, como as naturezas mortas, desempenha um papel fundamental. Este género pictórico e fotográfico

era denominado inicialmente, por meados do séc.XVII, por termos que não falavam nada de “natureza” nem de “morta”.

Termos como “Vie coyce” em flamengo, “stillstehende sache” em alemão ou “oggetti di fema” em italiano foram substituídos por outros que se tornariam definitivos, como o holandês “still-leven”, o alemão “still-leben” e o inglês “still-life”. Apenas em Itália, França e Portugal se diz “natura morta”, “nature morte”, “natureza morta”. Mas de facto não se trata de “objectos imóveis”, mas antes de “coisas que ficaram paradas num instante. A vida parada num instante. Por outras palavras, não estaremos perante objectos imóveis ou estáticos, se essas coisas puderem ser substituídas pelo termo “vida” que, em si mesma, é movimento. Imóvel é, antes, o instante, o tempo da representação.

A morte, tanto a palavra como o acontecimento, é uma fotografia, uma fotografia que se fotografa- uma fotografia que se produz como suspensão da realidade e seus referentes. A fotografia, tal com a memória, é o cadáver de uma experiência.

Eu a fotografia, a fronteira entre a vida e a morte, eu a fotografia sou morte!

Não obstante, falando como morte, a fotografia não pode ser morte nem ser ela mesma: à vez, viva e morta, abre a possibilidade da nossa existência no tempo.

REFLEXÃO versus INTERVENÇÃO.

Este binómio caracteriza a essência da minha prática artística e sobre este princípio gostaria de marcar a minha subcultura.

Na minha subcultura valorizo um trabalho que se pode considerar relativamente autónomo, onde tento traçar uma estratégia de trabalho como artista independente, onde me represento a mim mesma, uso os meus métodos de produção, faço acções autónomas em feiras de arte e bienais questionando assim o meu papel de jovem artista e reflectindo sobre o papel de um jovem artista na sociedade. Na minha subcultura tenciono subverter o conformismo instalado no processo artístico que passa por acabar a escola, arranjar uma galeria e trabalhar nesse e para esse subsistema. Acredito que o meu papel como artista em início de profissão passa por reverter essas tendências, essa inércia intelectual, que se reflecte na prática artística portuguesa da minha geração. Sim, um projecto de prática artística ambicioso, até utópico, mas sobretudo consciente: falo da minha subcultura. Agrada-me o facto de saber que faço parte de um determinado sistema social, político, cultural, mas que tenho liberdade de o por em causa, de o satirizar e questionar porque eu sou esse sistema, sou parte integrante desse sistema.

Pergunto-me, existe um papel para a arte face à desilusão política actual? Na nossa era de contestações políticas, não somente as qualidades de democracia liberal estão em jogo, mas toda a estrutura que cria uma possibilidade de autonomia da arte.

Tal como Andrea Fraser diz no seu *statement*: *I am an artist. As an artist I have the double role of engaging in the specialized production of bourgeois domestic culture on one hand and, on the other, the relatively autonomous reproduction of my own professional subculture.*

CRIATIVIDADE versus INTEGRIDADE.

RitaGT, Maio, 2007

Tropicalismos Luso e Outras Naturezas Mortas, 2007

Exposição no espaço independente PÊSSEGOpráSEMANA no Porto.

Esta exposição foi produzida com o apoio de empresas como: Schröder, EFACEC e Casa das Lâmpadas. Sendo o processo de trabalho que usei para esta exposição bastante importante como um projecto de artista independente tal como tenho vindo a defender.



Convite electrónico

Flyers e cartazes impressos em serigrafia, em anexo.

Imagens da exposição:



Pormenor de serigrafia em tecido



Parede forrada com os diferentes tecidos impressos. Os cartazes foram removidos durante a inauguração, sendo adquiridos e escolhidos pelos visitantes.



Neon “still li(f)e”: still life, still lie.





Sala principal: 9 fotografias duratrans de várias dimensões em caixa de luz.













Ficha técnica:

Instalação fotográfica de 9 caixas de luz

153 x 100 cm, 123 x 80 cm, 103 x 70 cm, 80 x 63 cm, 2 vezes 75 x 50 cm, 2 vezes 50 x 40 cm

Fotografia impressa em processo duratrans montadas em caixas de luz

Acção na feira de arte Ar.Co, Madrid, 2007

Acção realizada no dia da inauguração da feira de arte.

Nesta acção circulei nos corredores dos pavilhões usando uma farda de empregada, com uma bandeja cheia de notas, pesetas, impressas em papel comestível, para que os visitantes as pudessem comer. No avental estava escrito: creativity=capital?

Este é um projecto que pretendo estender a várias feiras e bienais de arte, onde realizarei uma intervenção, sempre nas inaugurações oficiais, marcando o meu papel de artística independente que se representa a si própria, livre e com uma certa autonomia para poder apresentar o seu trabalho, as suas performances em território artístico, espaço público que se apresenta relativamente neutro, os locais de passagem onde se circula de stand para stand.

Envio em anexo o registo da acção em video e uma nota comestível.





My Heart Belongs to Daddy, 2007

Wall project, edifício artes em partes.

Instalação de cadibé, casa de colunas com música e spray.

A som do casaco de colunas é uma versão cantada por mim da música de Cole Porter “my heart belongs to daddy”, escrita em 1938, com uma letra bastante perversa. Nesta peça pretendo fazer esse jogo de inocência e perversidade que a música me transmite.

My Heart Belongs To Daddy

Written by: Cole Porter (C. Albert P.)

From the Show: Leave It To Me 1938 (S)

I used to fall
In love with all
Those boys who call
On young cuties
But now I find
I'm all inclined
To keep my mind
On my duties
Since I've begun to share
In such a sweet love affair

Though I'm in love, I'm not above
A date with a duke or a caddie
It's just a pose, 'cause my baby knows
That my heart belongs to daddy

When some good scout, invites me out
To dine om some fine fin and haddie
My baby's sure, his love is secure
Cause my heart belongs to daddy

Yes my heart belongs to daddy
So I simply couldn't be bad
Yes I'm gonna marry daddy
Da-a-a-a-a-a-a-ad
If you feel romantic laddy
Let me warn you right from the start
That my heart belongs to daddy
And my daddy belongs to my heart



Acção na Feira de Arte de Lisboa, 2006





Untitled (I've Got it All), 2006

Fotografia duratrans, caixa de luz. 100 cm x 100cm

Esta fotografia foi frealizada durante a minha estadia na Malmö Art Academy, na Suécia. Consiste numa mistura de duas peças de dois artistas diferentes: *Untitled*, peça de Felix Gonzalez Torres, uma esquina com rebuçados e *I've Got it All*, fotografia de Tracey Emin.

Esta fotografia representa uma fórmula $1+1=1$, onde, da fusão de duas peças com significados e intenções distintas crio um novo significado, usando um certo sentido satirico e humorístico.

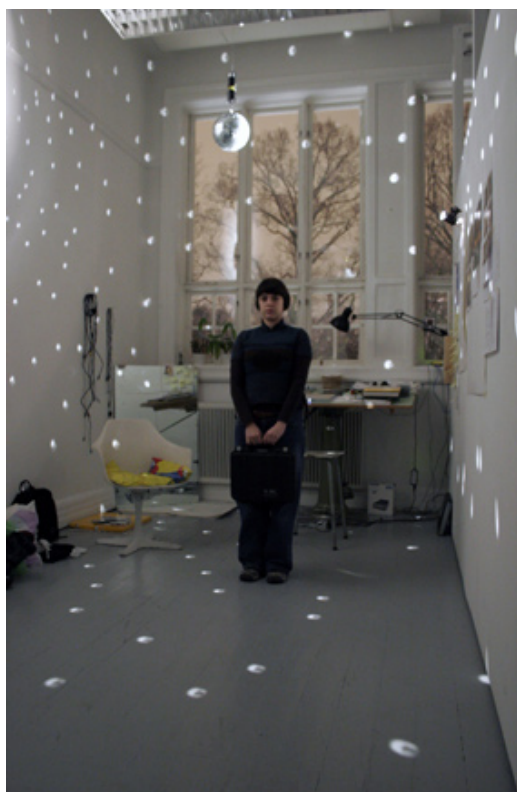
Fotografia impressa em duratrans em caixa de luz. Recentemente adquirida pela fundação PLMJ.

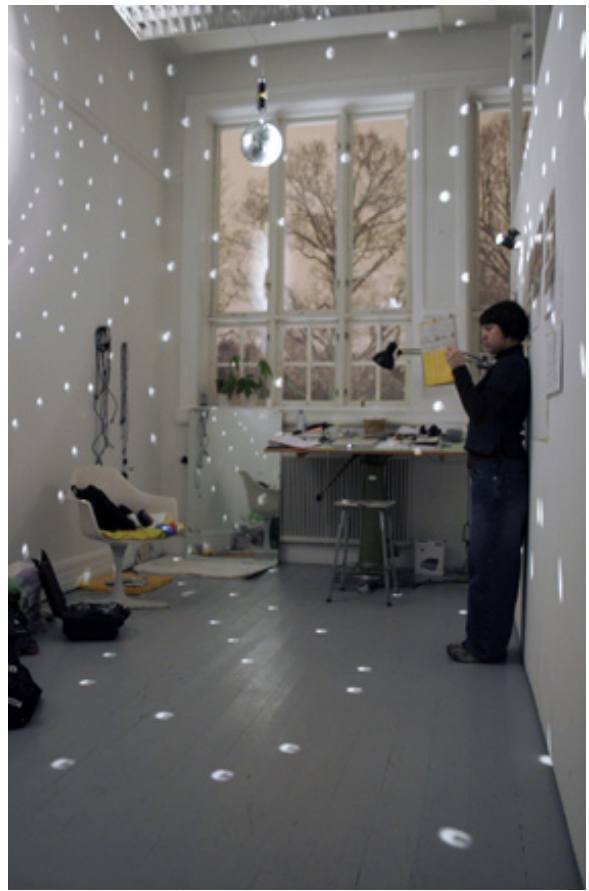


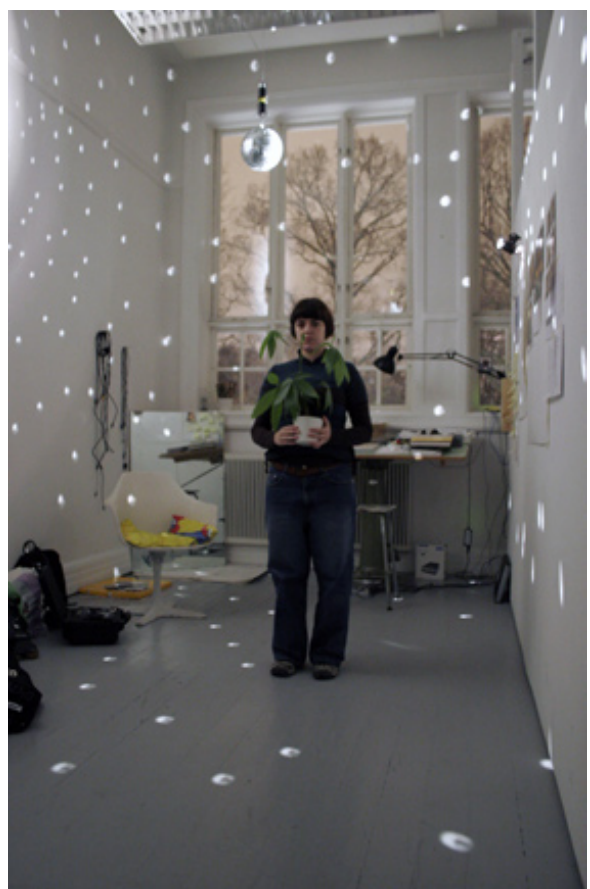
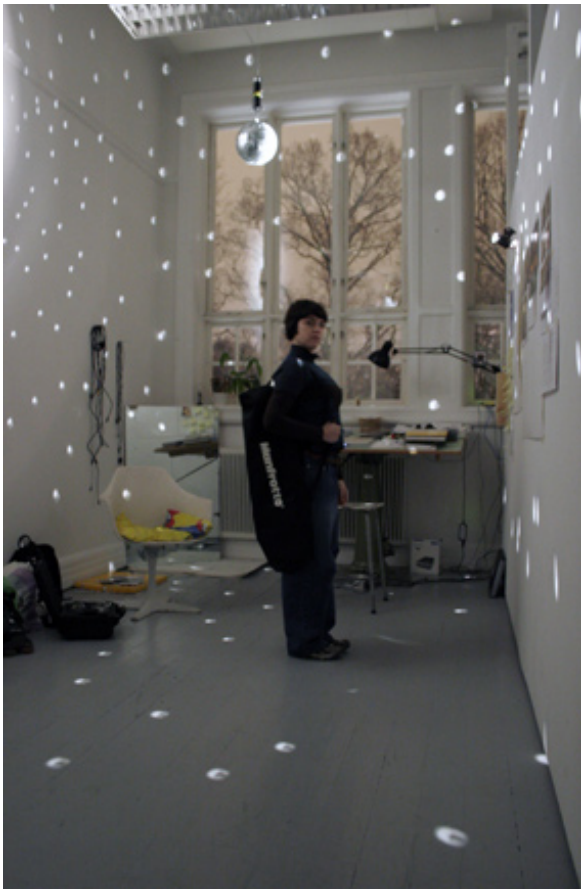
Atelier de Artista à Tarde, 2006

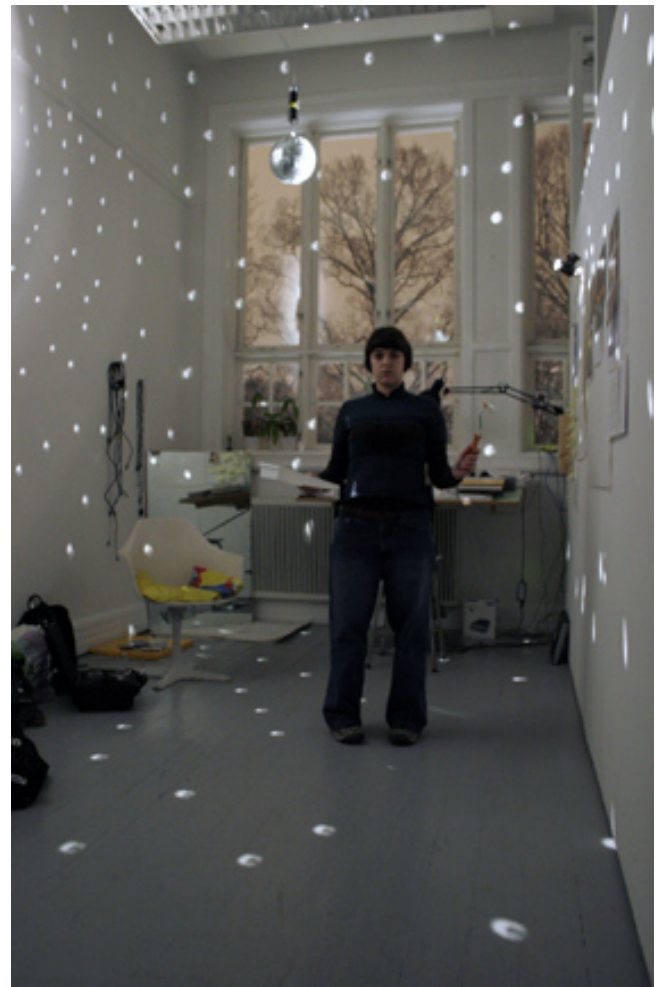
Fotografia c-print. Dimensões variáveis.

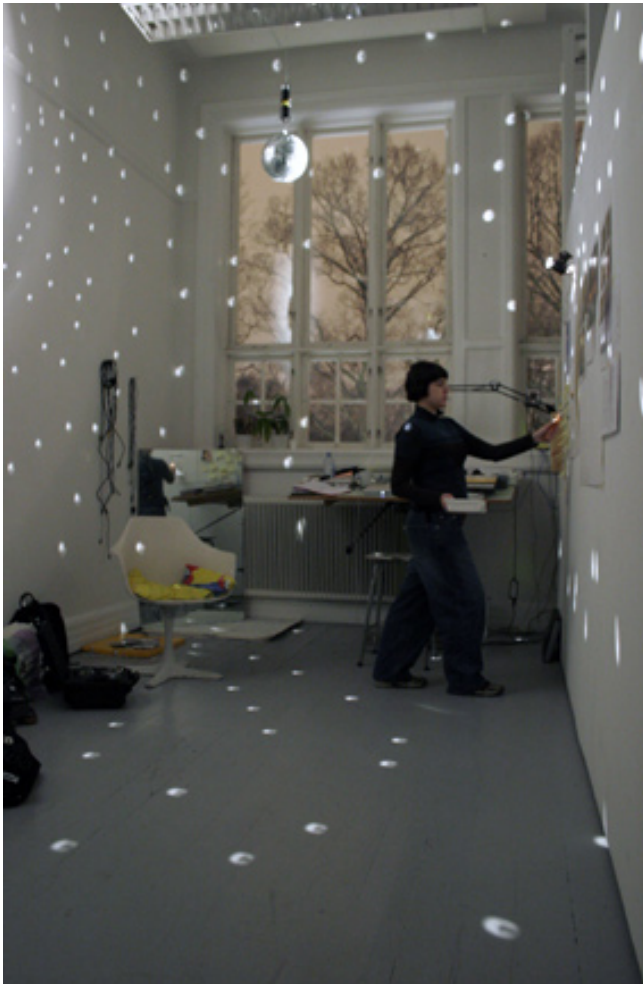
Fotografias que representam uma série de acções realizadas no meu estudio na Academia de Malmö. Representando uma postura de artista, no seu local de trabalho certo modo ridicularizada.











Short Circuit in the Market (6:44), 2005

Este video mostra uma performance onde procuro de certa forma minar o sistema capitalista.

Usando a liberdade da arte, proponho um questionamento das barreiras de um sistema que nos é imposto incitando a um uso divertido do pseudo espaço público.

